



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

Larissa Gabrielle Vieira de Sousa

O Brasil de Lima Barreto: transformações socioculturais no início do século XX.

MONOGRAFIA

Brasília

2019

Larissa Gabrielle Vieira de Sousa

**O Brasil de Lima Barreto: transformações sócio
culturais no início do século XX.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de sociologia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de bacharela em sociologia.

Orientador: Eduardo Dimitrov

Brasília
2019

O Brasil de Lima Barreto: transformações socioculturais no início do século XX. – Brasília, 2019.

Orientador: Eduardo Dimitrov

Monografia – Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Sociais

Departamento de Sociologia, 2019

Larissa Gabrielle Vieira de Sousa

**O Brasil de Lima Barreto: transformações socioculturais
no início do século XX.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
departamento de sociologia, como parte dos
requisitos necessários à obtenção do título de
bacharel em sociologia.

Brasília, 27 de agosto de 2019.

Eduardo Dimitrov

Orientador

Mariza Veloso Motta

Santos

Convidada 1

Elisabeth Igeburg

Souza Hess

Convidada 2

Brasília

2019

Agradecimentos

Este trabalho representa um grande passo em minha trajetória. Nunca imaginei que seria capaz de realizar algo que requer tamanha dedicação. Vivemos numa sociedade que funciona por meio da lógica dos estímulos: desde redes sociais a testes do *buzzfeed* somos bombardeados o tempo todo por ferramentas que, muitas vezes, nos levam a procrastinação. Agora mesmo, enquanto escrevia esse agradecimento, dei uma parada para olhar uma rede social. O que quero dizer é que todas essas coisas, se não gerenciadas, tornam a escrita muito difícil, já que se debruçar sobre uma única atividade atualmente é quase impossível.

Ademais, como fugir dos estímulos exteriores quando o próprio destino das Universidades está em risco? Nesse sentido, ter me debruçado sobre a história nacional me ofereceu uma maneira de enxergar as relações sociais no Brasil. Encontrei, no contexto de Lima Barreto, muitas chaves para compreender que o autoritarismo é uma constante na história desse país, que não parece pertencente ao seu povo. Aqui o texto soa como uma indagação de meu interlocutor: partilhamos dessa tristeza comum aos idealistas. Vejo que, até o momento, o texto soa piegas, portanto tomarei outra postura e apenas agradecerei, como as pessoas geralmente fazem nessa parte do trabalho.

Agradeço aos meus pais, que me encheram de ambições e perspectivas típicas a jovens que tiveram poucas oportunidades de vida. Os amo com a mesma intensidade juvenil que fui amada. Agradeço ao meu companheiro, Antônio, que por vezes acreditou mais em mim do que eu mesma. Ele é parte dessa reflexão teórica, já que me acompanhou desde a gênese do problema de pesquisa. Agradeço aos meus avós, Lourdes e Alberto, que me preenchem de um amor muito puro. Eles, talvez, sejam poucos entre os parentes de cientistas sociais que proferem com orgulho o fato de serem avós de uma quase socióloga. Aos meus amigos, que, felizmente, se eu fosse citar ocupariam um longa lista, obrigada por aturarem minhas metamorfoses e problematizações excessivas.

Agradeço a Lima Barreto que me tocou tão profundamente, talvez de uma maneira que é pouco recorrente na vida. Sou grata ao Eduardo, que nem preciso mais me referir por nome e sobrenome já que agora até nos falamos por *WhatsApp*, obrigada por acreditar em mim e por ter acrescentado tanto o meu artesanato intelectual. Durante a minha trajetória foram muitas atividades de pesquisa e extensão, sou grata por ter tido oportunidades que me permitiram crescer. Agradeço ao PET-Sol e aos grupos de estudo: Arte, Sociedade e Interpretações do Brasil, FEMIVIDA e Literatura e Modernidade Periférica.

Sumário

Agradecimentos	2
Introdução	5
1- A transplantação do negro para o mundo dos brancos em <i>O filho de Gabriela</i> e <i>Um especialista</i>	8
2- O caráter satírico em <i>A nova Califórnia</i> e <i>O homem que sabia falar Javanês</i>	20
3- A cidade moderna e o cientificismo na perspectiva de <i>Um e outro</i> e <i>Miss Edith e seu tio</i>	32
4- Considerações finais	43
5- Referências bibliográficas	44

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato.
[...]

Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês.

Introdução

A literatura de Lima Barreto me suscitou a uma série de indagações de pesquisa. Não por especificidade de sua obra, mas pela compreensão da literatura enquanto campo de pesquisa dentro da sociologia. Nesse sentido, Antônio Cândido ensinou-me a equilibrar o impasse entre forma literária e mundo social. No ensaio *De cortiço a cortiço*, o autor afirmou que: “Sabemos que, embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustentam como tal” (CÂNDIDO, 1976, p.111).

A pretensão deste trabalho é equacionar a relação entre texto e contexto analisando alguns contos de Lima Barreto. A estes faço a pergunta: **qual é o Brasil retratado por Lima Barreto?** Os contos que constituem o meu *corpus* de análise fazem parte do apêndice da primeira edição do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), e foram selecionados pelo autor para publicação. São eles: *A nova Califórnia* (1910), *O homem que sabia javanês* (1911), *Um e outro* (1913), *Um especialista* (1904), *O filho de Gabriela* (1906) e *Miss Edith e seu tio* (1915).

O *Diário íntimo* (2002) do autor, publicado postumamente a partir de seus escritos pessoais, e suas duas biografias - *A vida de Lima Barreto* (1964) de Francisco de Assis Barbosa e *Lima Barreto Triste Visionário* (2017) de Lília Schwarcz – ajudaram-me a relacionar o literato e sua obra com o contexto. A forma estética dos contos pareceu-me interessante por permitir a apresentação de um conflito e seus desenlaces, que mobilizam o caráter dos sujeitos/personagens. Ademais, o conto é reduzido no tempo e espaço, o que leva a uma economia de elementos apresentados, ou seja, cada fator empregado é importante para a compreensão do conjunto.

Lima Barreto era jornalista e publicou a maior parte de sua obra em jornais. No entanto, para se integrar a esse meio o autor precisou se adequar aos tipos de narrativas comuns a ele. Sérgio Miceli (2001), em seu estudo sobre a formação da intelectualidade brasileira, mostrou a importância da imprensa para a produção cultural e intelectual do país. A imprensa possuía um papel central: “Os escritores profissionais viam-se forçados a ajustar-se aos gêneros havia pouco importados da imprensa francesa” (MICELI, 2001, p.17).

Por serem narrativas curtas, os contos se adequaram facilmente aos jornais. João Décio (1977) fez uma correlação entre a estética de contos e os processos vividos na

modernização brasileira, este afirmou: “O conto, por ser narrativa curta, equaciona-se perfeitamente com a velocidade da época. O conto atende perfeitamente às pessoas apressadas, que não têm tempo a gastar com longas narrativas (romance e novela)” (DÉCIO, 1977, p.49). Ou seja, a forma estética do conto se relacionou muito bem com as transformações proporcionadas pela modernização brasileira. Lima Barreto foi um escritor que, assim como outros de seus contemporâneos, se deparou com as transformações do período, que refletiram sobre sua produção.

Os contos anunciam formas estilísticas e conteúdos que se reproduziram posteriormente nos romances do autor, como a sátira. Por mais que anexados à primeira edição de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, os textos possuem um relevante espaçamento temporal, tendo sido publicados anteriormente em folhetins. Esse fato inferiu nas temáticas, que dialogavam com os diferentes momentos da produção de Lima Barreto. Levando em consideração as divisões temporais e os enredos, os contos serão examinados em pares com a verificação dos espaços, personagens e relações sociais.

O filho de Gabriela (1906) e *Um especialista* (1904), foram escritos quando Lima Barreto tinha entre 23 e 25 anos. Nestes contos o literato explorou questões psicológicas, que aparentavam ser um mergulho em seus processos subjetivos, como se verá no capítulo 1. O autor apareceu quase como um coadjuvante nessas histórias, que tratam sobre a abrupta transplantação dos negros para o mundo simbólico dos brancos. Esse elemento narrativo, que aparece como ponto de confluência entre os contos, também foi uma questão na qual Lima Barreto teve que lidar em sua trajetória.

Em *A nova Califórnia* (1910) e *O homem que sabia javanês* (1911), analisados no capítulo 2, há um momento literário de Lima Barreto em que a ironia, ferramenta narrativa do autor, se tornou mais evidente. A comicidade foi bastante explorada, assim como a subversão dos papéis sociais dos personagens. N’*A nova Califórnia*, figuras de prestígio, como militares e cientistas, são os antagonistas, enquanto um bêbado carregava a moralidade esperada dos homens de notoriedade. *O homem que sabia Javanês*, narrado em primeira pessoa, retratou as peripécias de um boêmio que contava vantagem sobre seu capital social, construído por meio de uma farsa.

No texto *Miss Edith e seu tio* (1915) Lima Barreto tratou diretamente de questões do contexto, como a culminação do darwinismo social. Em *Um e outro* (1913) uma figura de elite é descrita em sua vida cotidiana. As relações reificadas de Lola, a protagonista, e

a maneira como ela lidava com a cidade, as criadas e a modernidade formaram a narrativa. Argumentarei sobre estes contos no capítulo 3.

1- A transplantação do negro para o mundo dos brancos em *O filho de Gabriela* e *Um especialista*

A trama de *O filho de Gabriela*, girou em torno de uma criada que trabalhava na casa de uma família. O enredo se iniciou numa discussão entre Gabriela, que era mãe e seu filho estava doente, e sua patroa. Dona Laura, a patroa, não queria liberar a moça para levar a criança ao médico. Gabriela, com uma altivez contundente, conseguiu se sobressair na discussão e pediu demissão. Após o episódio, Gabriela passou um período procurando emprego, no entanto, o fato de ter um filho ou os baixos salários oferecidos eram motivos para a personagem não se estabelecer num posto de trabalho.

Por fim, Gabriela voltou a trabalhar na casa de Dona Laura e os patrões apadrinharam seu filho. Só a partir do momento em que foi apadrinhada, com quatro anos de idade, a criança passou a ter um nome: Horácio. Na casa do Conselheiro e de Dona Laura, Gabriela e Horácio tinham acesso a serviços médicos e a um certo bem-estar. No entanto, Horácio, que sofrera maus tratos de uma colega da mãe quando mais novo, nunca deixou de carregar um semblante abatido. Os poucos momentos em que o menino demonstrava felicidade eram seguidos de silêncio e tristeza. Sua mãe era a única que lhe oferecia afagos carinhosos, entretanto, Gabriela morrera e os momentos de alegria de Horácio se perderam por completo.

Lília Schwarcz (2017), em sua análise sobre *O filho de Gabriela*, afirmou que: “No conto, é possível reconhecer alguns traços do escritor, que projeta sua meninice em Horácio” (2017, p. 60). Lima Barreto, assim como Horácio, perdeu a mãe muito cedo, com apenas seis anos de idade. Francisco de Assis Barbosa (1964), primeiro biógrafo do autor, também reconheceu a semelhança entre Horácio e o literato, segundo ele: “a mais forte impressão de Lima Barreto nos primeiros anos de vida foi, sem dúvida, a morte da mãe. Sem os carinhos de Amália, o mundo como que se fechou para o menino ‘taciturno, reservado e tímido’.” (BARBOSA, 1952, p.29).

Com a morte da mãe, Horácio passou a ser criado, inteiramente, pelos padrinhos. Dona Laura vivia uma relação dúbia com o menino. Não tinha filhos e não havia se encontrado no casamento, se casara com o Conselheiro por ambição. A personagem tivera um amante, mas a relação não foi duradoura. Dona Laura lidava com um vazio existencial, e por esse motivo, “começou a compreender confusamente todas as vidas e

almas, a compadecer-se a amar tudo, sem amar bem coisa alguma. ” (BARRETO, 2010, p. 103). O narrador descrevendo a relação de Dona Laura com a adoção afirmou:

Em começo, aquela adoção fora um simples capricho de Dona Laura; mas, com o tempo, os seus sentimentos pelo menino foram ganhando importância e ficando profundos, embora exteriormente o tratasse com um pouco de cerimônia.

Havia nela mais medo da opinião, das sentenças do conselheiro, do que mesmo necessidade de disfarçar o que realmente sentia, e pensava. (BARRETO, 2010, p. 102-103).

O Conselheiro não gostava de Horácio, tratava a adoção como um capricho da esposa, se fosse por ele teria colocado o menino numa instituição para menores após a morte de sua mãe. Era um homem de mais de sessenta anos, ambicioso e egoísta. Se casou por conveniência, após ficar viúvo de seu primeiro casamento. Acreditava que Horácio tinha talento para os estudos e por isso tolerava a relação.

Horácio, toda manhã, ao sair para o colégio, lá avistava o padrinho atarraxado na cadeira de balanço a ler atentamente o jornal: “A bênção, meu padrinho!” - “Deus te abençoe”, dizia ele, sem menear a cabeça do espaldar e no mesmo tom de voz com que pediria os chinelos à criada. (BARRETO, 2010, p. 103).

Nos diários de Lima Barreto, suas memórias de infância são descritas com muito pesar, portanto, a ausência afetiva que Horácio sentia com os padrinhos pode ser relacionada com a do literato. Tinha quatro irmãos, sendo ele o mais velho, e seu pai, João Henriques, trabalhava muito para sustentar a família. Além disso, o pai já havia manifestado características de seu transtorno bipolar em sua juventude, problema que mais tarde se agravou, o deixando completamente disfuncional. Portanto, há de se imaginar o quanto a ausência afetiva culminou na solidão de Lima Barreto. No Diário Íntimo (2001), há um trecho ilustrativo sobre isso:

Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde essa época que eu senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve, a incompreensão da minha delicadeza, do meu natural doce e terno [...] Deu-me esse acontecimento, conjuntamente com a vida naturalmente seca e árida dos colégios. (BARRETO, 2001, Posição no ebook: 1345)

Horácio estudava em ótimas escolas, era um menino de muita imaginação, e em seus devaneios gostaria de ser um herói aclamado. “Na sua cabeça ainda infantil, em que a franqueza de afetos próximos concentrava o pensamento, a imaginação palpitava, tinha uma grande atividade, criando toda a espécie de fantasmagorias que lhe apareciam como fatos possíveis, virtuais” (BARRETO, 2010, p. 104).

A crença do padrinho no talento para os estudos de Horácio não geravam o mesmo entusiasmo no menino por sua educação. O garoto, que não tinha assistência dos padrinhos nas tarefas do dia a dia, tinha um desempenho escolar apenas satisfatório. Estudava uma quantidade razoável, entretanto não conseguia se deslumbrar com o que aprendia na escola pois não via aplicação útil para algumas coisas. “O mundo parecia-lhe uma coisa dura, cheia de arestas cortantes, governado por uma porção de regrinhas de três linhas, cujos segredos de aplicação estavam entregues a uma casta de senhores” (BARRETO, 2010, p. 104).

As semelhanças entre Lima Barreto e Horácio também são perceptíveis na questão educacional, já que o autor teve seus estudos custeados por seu padrinho, Visconde de Ouro Preto, no início de sua formação. Contudo, o maior entusiasmado com a formação de Lima Barreto foi seu pai, que financiou os seus estudos em engenharia na Escola Politécnica, até que um surto psicológico o inviabilizou de trabalhar. No ano de escrita do conto, Lima Barreto já havia largado a escola de engenharia para sustentar sua família. Ademais, o literato viveu uma série de reprovações que o frustraram fortemente. Na escola de elite, o racismo institucional tinha um forte caráter, um dos fatores que fomentou a militância combativa do autor, que segundo Lília Schwarcz já se mostrava crítico da República e do *status quo* nesse período.

Para Horácio os domingos eram seu refúgio. Passeava pela cidade e se deleitava com as paisagens do Rio de Janeiro: “Horácio deixava-se penetrar pela flutuante poesia das coisas, das árvores, dos céus, das nuvens” (BARRETO, 2010, p. 105). Ele simpatizava com a natureza, enxergava a exuberância da cidade no mar, nas montanhas, e observando o ambiente embarcava em reflexões sobre si. Fazia esses passeios, no geral, com Salvador, um amigo de escola. Recorrentemente os dois tratavam de questões estudantis em seus diálogos.

“-Salvador, de que gostas mais, do inglês ou francês?

-Eu do francês; e tu?

-Do inglês.

-Por quê?

-Porque pouca gente o sabe.

A confiança saía-lhe a contragosto, era dita sem querer. Temeu que o amigo o supusesse vaidoso. Não era bem esse sentimento que o animava; era uma vontade de distinção, de reforçar a sua individualidade, que ele sentia muito diminuída pelas circunstâncias ambientes” (BARRETO, 2010, p.105).

Lima Barreto se dedicou, primordialmente, ao inglês, bem como seu personagem, e talvez a busca deste último por sua individualidade no idioma, que no contexto era pouco usual, fosse reflexo do literato. Os aspectos da cidade apreciados por Horácio são distintos dos personagens de outros contos, que não conseguiam enxergar além das paisagens artificiais geradas pelas reformas urbanas no Rio de Janeiro. O menino buscava sua singularidade pois se sentia diminuído, perdido no anonimato da cidade carioca.

Georg Simmel (1903) foi um sociólogo que se deteve em analisar o fenômeno das grandes cidades. Em seus ensaios tratou do impacto das grandes cidades sobre a vida mental dos indivíduos. Segundo o autor, essa experiência urbana, típica do final do século XIX e início do XX, levava as pessoas a uma espécie de esgotamento mental que era fruto dos inúmeros estímulos gerados por essa complexa organização social. Lima Barreto, por ser um escritor moderno, se viu imbricado a essa nova configuração social, assim como Horácio e o próprio narrador

Salvador convidou Horácio para uma festa de São João e a madrinha permitiu que ele fosse. O menino ficou deslumbrado com o evento “era um espetáculo novo; era um outro mundo que se abria aos seus olhos” (BARRETO, 2010, p.105). Todo o ritual da festa de São João gerou uma confusão na cabeça do menino, que vivia, até então, sem grandes mudanças na rotina. No entanto, Horácio sentiu-se pertencente ao ambiente; “o menino, sentindo-se arrastado por aquele frênico de augúrio e feitiçaria percebeu bem como vivia envolvido, mergulhado, no indistinto, no indecifrável” (BARRETO, 2010, p.106). A festa representava uma composição de elementos tradicionais e promoveu um movimento interno no personagem, mobilizando questões internas que Horácio fazia em suas solitárias reflexões.

Desde que esse evento ocorreu, “dolorosos foram os dias que se seguiram” (BARRETO, 2010, p. 106). Por mais que o menino se esforçasse para realizar as tarefas cotidianas, como o estudo, nada rendia. “O seu entendimento como que vazava. Voltava, lia, lia e lia e, em seguida, virava as folhas sofregamente, nervosamente, como se quisesse descobrir debaixo delas um outro mundo cheio de bondade e satisfação” (BARRETO, 2010, p. 106). Horácio, que conhecia a vida por meio dos livros, enfim havia vivido uma experiência prática diferente do que era habitual em sua solitária vida. O jovem chegou no ponto de confrontar o seu padrinho.

Dona Laura, por ter convivido com Horácio em toda a sua vida, entendeu o que estava acontecendo para culminar na rebeldia do rapaz.

A madrinha interveio, aplainou as dificuldades; e com a agilidade de espírito peculiar ao sexo, compreendeu o estado d'alma do rapaz. Reconstituiu-o com os gestos, com os olhares, com as meias palavras, que percebera em tempos diversos e cuja significação lhe escapara no momento, mas que aquele ato, desusadamente brusco e violento, aclarava por completo. Viu-lhe o sofrimento de viver à parte, a transplantação violenta, a falta de simpatia, o princípio de ruptura que existia em sua alma, e que o fazia passar aos extremos das sensações e dos atos. (BARRETO, 2010, p.107)

A ruptura que existia na alma de Horácio tinha a ver com sua transplantação para o mundo dos brancos. O personagem não conseguia lidar com as contraposições que existiam em sua vida, os símbolos daquela sociabilidade não lhe pareciam pertinentes, como as “regrinhas” que aprendia na escola que não via aplicabilidade. A festa foi um momento em que esses confrontos se tornaram mais evidentes para o jovem, pois pôde experimentar algo além das experiências de sua rotina, o que o levou ao conflito interno apresentado. Por mais que os padrinhos lhe oferecessem uma série de confortos materiais, tinha a necessidade de demonstrar gratidão aos entes, por mais que não se sentisse integrante daquele meio.

No fim do conto, o rapaz passou por um delírio. Era como se tivesse sido transportado para aqueles ecos de ancestralidade que havia identificado na festa de São João. Entre frases, aparentemente desconexas, ele afirmou: “-Faz sol... Que sol!... Queima... Árvores enormes... Elefantes...” e ainda “Homens negros... fogueiras... Um se estorce... Chi! Que coisa! ... O meu pedaço dança...” (BARRETO, 2010, p. 108). O cenário que Horácio enxergou durante o delírio parecia pertencente a savana africana, o mundo do qual seus ancestrais foram arrancados. Por fim, o médico que consultou o rapaz diagnosticou: “-Não se assuste, minha senhora. É delírio febril, simplesmente. Dê-lhe o purgante, depois as cápsulas, que, em breve, estará bom” (BARRETO, 2010, p. Idem). O representante da medicina moderna lidou com o quadro mental de Horácio ignorando a dimensão afetiva do rapaz. Acionou uma chave patológica que não comportava a complexidade do que estava em voga.

A transplantação que Horácio viveu, também foi evidente nos personagens do conto *Um especialista*. O enredo relata a história de dois amigos, um Comendador e o outro Coronel, ambos portugueses. No Largo da Carioca, frequentavam botequins e teatros, valorizando a vida noturna do local. O ambiente é descrito minuciosamente pelo narrador, que esmiuçou até mesmo a atmosfera dos botequins: “dos charutos, fumaças

azuladas espiralavam preguiçosamente pelo ar” (BARRETO, 2010, p. 89). O texto vai de fora para dentro, de maneira que foi interessante para o narrador descrever primeiramente o local, e depois as relações advindas dali.

Em seus encontros, os amigos falavam sobre negócios e conquistas amorosas. “Amor e dinheiro, eles juntavam bem e sabiamente” (BARRETO, 2010, p. 89). Sobre os personagens o narrador descreveu:

O Comendador era português, tinha seus cinquenta anos, e viera para o Rio aos vinte e quatro, tendo estado antes seis no Recife. O seu amigo, o Coronel Carvalho, também era português, viera, porém, aos sete para o Brasil, havendo sido no interior, logo ao chegar, caixeiro de venda, feitor e administrador de fazenda, influência política; e, por fim, por ocasião da bolsa, especulava com propriedades, ficando daí em diante senhor de uma boa fortuna e da patente de Coronel da Guarda Nacional. (BARRETO, 2010, p.89).

Os dois eram homens ricos, fator que levou o narrador a trata-los apenas pelos títulos, e ao Comendador nem mesmo é conferido um nome. O Coronel, “um plácido burguês, gordo, ventrudo, cheio de brilhantes” (BARRETO, 2010, p. 89), era viúvo e não tinha filhos. O narrador o descreveu como frequentador assíduo de casas de *rendez-vous*. Por mais que fosse casado, nada impedia o Comendador de viver as mesmas aventuras que o amigo nas noites da cidade. O gosto os diferiam, mas tinham em comum o fato de se atraírem, primordialmente, por encontros com prostitutas em suas noites pela cidade. O Comendador “Gostava das mulheres de cor e as procurava com o afínco e ardor de um amador de raridades”. O Coronel era justamente o contrário: “só queria as estrangeiras; as francesas e italianas, bailarinas, cantoras ou simplesmente meretrizes eram o seu fraco” (BARRETO, 2010, p. 90).

Após duas semanas sem encontrar o Coronel, o Comendador foi procurar o amigo em sua loja. Os dois saíram para jantar e depois seguiram para um café no Largo da Carioca. Ao explicar para o amigo o motivo de seu sumiço, o Comendador atribuiu culpa a uma mulata que “foi um ‘achado’, a coisa, disse o Comendador, depois de chupar fortemente o charuto e soltar uma volumosa baforada; um petisco que encontrei... uma mulata deliciosa” (BARRETO, 2010, p. 90). Ao buscar um amigo no porto, o Comendador encontrou Alice, acompanhada por um alferes do Exército, a moça vinha de outra cidade para o Rio de Janeiro. O alferes “saltou numa lancha do Ministério da Guerra” (BARRETO, 2010, p. 91) deixando a moça a dispor do Comendador, que logo se aproximou dela, construindo uma intimidade. Aos olhos do Comendador, Alice:

-É uma coisa extraordinária! Uma maravilha! Nunca vi mulata igual. Qual! Nem de longe! Calcula que ela é alta, esguia de bom corpo; cabelos negros

corridos, bem corridos, olhos pardos. É bem fornida de carnes, roliça; nariz não muito afilado, mas bom! E que boca! Uma boca breve, pequena, com uns lábios roxos, bem quentes... Só vendo mesmo! Só! Não se descreve. (BARRETO, 2010, p. 91).

A caracterização que o Comendador fez de Alice intensificou o fetichismo no qual a prostituição se constituía. O corpo da moça foi descrito como uma mercadoria, e o fetichismo do Comendador por mulheres negras ficou evidente desde o início da narrativa. “A mulata, dizia ele, é a canela, é o cravo, é a pimenta, é, enfim, a especiaria de requieime acre e capitoso que nós, os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, a procurar” (BARRETO, 2010, p. 90). O narrador, ao descrever a reação física do Comendador, quando este falava ao Coronel sobre Alice, o compara a um “colossal suíno”. O asco do narrador é transmitido ao leitor, de maneira que a leitura do conto faz com que essas relações sociais não sejam naturalizadas. O ar questionador do narrador se transmite para o leitor.

Para apresentar Alice aos amigos, o Comendador levou a moça a um cassino. O local, que funcionava como um ponto de encontros para amantes, era frequentado por juízes, legisladores, diretores de escola e deputados. Dentre os ávidos visitantes do local, o narrador chamou a atenção para um rapaz:

Esmerado no vestir, no calçar, não tinha em troca o desembaraço com que se anuncia o habitué. Moço, moreno, seria elegante se não fosse a estreiteza de seus movimentos. Era um visitante ocasional, recém-chegado, talvez, do interior, que procurava ali uma curiosidade, um prazer da cidade. (BARRETO, 2010, p. 92-93).

O moço anunciava um tipo no qual Lima Barreto poderia estar circunscrito: o de um rapaz jovem deslumbrado com a cidade. A descrição deste moço destoava com a dos poderosos que “influíam poderosamente nos destinos do país com o seu resignado apoio” (BARRETO, 2010, p.93). Na introdução inferi sobre a forma como o autor deixa vestígios de si próprio, aparecendo como coadjuvante nos enredos dos contos analisados neste capítulo. Por um momento misturou-se a Horácio para lidar com suas questões subjetivas, e num segundo instante tornou-se amante do Rio de Janeiro e das possibilidades que a cidade lhe oferecia.

O cassino era tomado por uma “cançoneta francesa”, “da sala dos camarotes subia um estranho cheiro - um odor de orgia”, “centenas de cigarros a fumar enevoavam todo o ambiente” (BARRETO, 2010, p. 93). A rica descrição do espaço, por meio da especificação das bebidas tomadas, dos cheiros exalados e dos sons, remete ao contexto do autor: a *Belle Époque* carioca. O afrancesamento do Brasil culminou na importação de

bens materiais e simbólicos, e a maneira como o narrador representou o cassino mostra esse fato:

Desprendimentos do tabaco, emanações alcoólicas, e, a mais, uma fortíssima exalação de sensualidade e lubricidade, davam à sala o aspecto repugnante de uma vasta bodega.

Mais ou menos embriagado, cada um dos espectadores tinha para com a mulher com quem bebia gestos livres de alcova. Francesas, italianas, húngaras, espanholas, essas mulheres, de dentro das rendas, surgiam espectrais, apagadas, lívidas como moribundas. Entretanto, ou fosse o álcool ou o prestígio das peregrinas, tinham sobre aqueles homens um misterioso ascendente. À esquerda, na plateia, o majestoso deputado da entrada coçava despididamente a nuca da Dermalet, uma francesa; em frente o doutor Castrioto, lente de uma escola superior, babava-se todo a olhar as pernas da cantora em cena, enquanto em um camarote defronte, o juiz Siqueira apertava-se à Mercedes, uma bailarina espanhola, com o fogo de um recém-casado à noiva (BARRETO, 2010, p. 93).

O trecho, além de elucidar a questão das figuras de prestígio envolvidas em casos com prostitutas, mostra o quanto a frequência dos senhores nas casas de *rendez vous* abrangia um aspecto mais simbólico da sociedade brasileira do período. Assim como o Coronel, esses homens gostavam mais de prostitutas estrangeiras, em especial as francesas, e não se importavam com os aspectos de moribundas que elas apresentavam. A construção de ambientes artificiais e as relações postiças constituídas, davam aqueles senhores de elite a impressão de alcance ante as sociedades europeias. O fetichismo no qual as relações se fomentavam carregava uma profundidade psicológica mais incompreensível do que a simples “exalação de sensualidade e lubricidade” (BARRETO, 2010, p. idem).

O gosto do Comendador por mulheres negras destoava de grande parte de seus companheiros, no entanto Alice, ao entrar no cassino, chamou a atenção de todos que ali estavam.

Era bonita e elegante também. Viera com um vestido creme de pintas pretas, que lhe assentava magnificamente.

O seu rosto harmonioso, enquadrado num magnífico chapéu de palha preta, saía firme do pescoço roliço que a blusa decotada deixava ver. Seus olhos curiosos, inquietos, voavam de um lado a outro e a tez de bronze novo cintilava à luz dos focos. Através do vestido se lhe adivinhavam as formas; e por vezes, ao arfar, ela toda trepidava de volúpia... (BARRETO, 2010, p. 94).

A moça deixava o Comendador extremamente vaidoso, já que chamava a atenção dos companheiros. O Coronel estava atento aos comentários inferidos acerca da moça: “que ‘mulatão’!”, “esses portugueses são os demônios de descobrir boas mulatas” (BARRETO, 2010, p. 94). Entretanto, o que chamou a atenção e levantou questionamentos no Coronel foi a afirmação de que eles “parecem pai e filha”

(BARRETO, 2010, p. idem). A partir da afirmação, que converteu a disposição do personagem, o Coronel observou os traços do Comendador e de Alice, percebendo que “os queixos eram iguais, as sobrancelhas, arqueadas, também; o ar, um não sei o quê de ambos se assemelhavam” (BARRETO, 2010, p.idem).

Os personagens entraram no carro e foram em direção a um hotel. Este era tomado por uma “profusão de luzes, o irisado das plumas, os perfumes requintados que voavam pelo ambiente transmudavam-na de sua habitual fisionomia pacata e remediada” (BARRETO, 2010, p. 94). Nas noites o lugar era convertido em um glamoroso espaço e era frequentado por prostitutas e cavalheiros. “Sílabas breves do francês, sons guturais do espanhol, dulçorosas terminações italianas, chocavam-se, brigavam. Do português nada se ouvia, parecia que se escondera de vergonha”. (BARRETO, 2010, p. 95). A prostituição de mulheres estrangeiras alterou as dinâmicas sexuais do contexto, pois as mulheres europeias trouxeram o elemento exótico (como a fala não portuguesa) que se difundiu muito bem no imaginário da elite que pretendia reproduzir o ambiente aristocrático europeu.

Os amigos e Alice sentaram-se no local e conversavam com entusiasmo. Alice, que viera de Recife, falava sobre sua preferência pela cidade ante o Rio de Janeiro. Quando tratavam sobre o assunto, o Comendador afirmou que já estivera em Recife e contou que viveu lá por seis anos. Os dois moraram na mesma rua da cidade, e Alice comentou que aos 18 anos perdeu sua mãe. A moça contou sobre suas desventuras amorosas e o quanto sofreu nessas experiências:

- Nada me davam, espancavam-me, maltratavam-me. Uma vez, quando vivia com um sargento do Regimento de Polícia, ele chegou em casa embriagado, tendo jogado e perdido tudo, queria obrigar-me lhe dar trinta mil-réis, fosse como fosse.

Quando lhe disse que não tinha e o dinheiro das roupas que eu lavava só chegava naquele mês para pagar a casa, ele fez um escarcéu. Descompôs-me. Ofendeu-me. Por fim, cheio de fúria agarrou-me pelo pescoço, esbofeteou-me, deitou-me em terra, deixando-me sem fala e a tratar-me no hospital. (BARRETO, 2010, p. 95-96).

Os antagonistas de Lima Barreto geralmente foram militares e senhores de prestígio, o que será evidenciado na análise de *A nova Califórnia* no próximo capítulo. O fato do narrador ter relatado o exemplo de Alice não foi por mero acaso, já que o agressor da moça era um militar, e o exemplo deu luz às marcas carregadas de suas relações malsucedidas. A moça afirmou que sua mãe a atentava para essas relações e dizia: “toma cuidado, minha filha, toma cuidado. Esses homens só querem nosso corpo por segundos,

depois vão-se e nos deixam um filho nos quartos, quando não nos roubam como fez teu pai comigo...” (BARRETO, 2010, p. 96). Ao ouvir o relato de Alice, o Comendador ficou instigado e quis saber mais da história de sua mãe.

- Minha mãe me contava que ela era honesta, que vivia na Cidade do Cabo com seus pais, de cuja companhia fora seduzida por um caixeiro português que lá aparecera e com quem veio para Recife. Nasci deles e dois meses mais ou menos depois do meu nascimento, meu pai foi ao Cabo liquidar a herança (um sítio, uma vaca, um cavalo) que coubera à minha mãe por morte de seus pais.

Vindo de receber a herança, partiu dias depois para aqui e nunca mais ela soube notícias dele, nem do dinheiro, que, vendido o herdado, lhe ficara dos meus avós (BARRETO, 2010, p.96).

Quando Alice terminou de narrar a história, o Comendador ganhou um ar de preocupação e lhe perguntou o nome de seu pai. A moça respondeu com ironia: “-Não me lembro, não. Que interesse! Quem sabe o senhor não é meu pai?” (BARRETO, 2010, p. 96). No momento, quando Alice proferiu a frase, um aspecto de preocupação tomou de conta do ambiente, “o gracejo caiu de chofre naqueles dois espíritos tensos, como uma ducha frigidíssima” (BARRETO, 2010, p. Idem).

Alice não acompanhou o movimento estabelecido entre os amigos e continuou respondendo às indagações do Comendador. Ele perguntou se ela havia recebido notícias, posteriores ao episódio após seu nascimento, do pai. A moça respondeu: “seis meses antes da morte de minha mãe, ouvi dizer em casa, não sei por quem, que ele estava no Rio implicado num caso de moeda falsa” (BARRETO, 2010, p. 97). Imobilizados se olhavam, até que o Comendador disse: “-Meu Deus! É minha filha” (BARRETO, 2010, p. idem).

A fantasmagoria, que envolvia os devaneios juvenis de Horácio, não se compreende apenas ao personagem, sendo abrangida até as relações sociais que abarcavam o conto *Um especialista*. Enquanto Horácio buscava o protagonismo de sua vida subjetiva, através de suas histórias imaginadas, o social que envolvia o Coronel e o Comendador se baseava no fetichismo da mercadoria. O narrador de *Um especialista* procurou deixar essas questões evidentes, para mostrar que o valor de uso das mercadorias fora transmutado para se encaixar nas alegorias do enredo. Em um momento do conto, enquanto se despedia do Comendador, o Coronel “mandou vir água Apolináris” (BARRETO, 2010, p.x). Em sua leitura do conto, Lília Schwarcz fez uma nota sobre o que se tratava o produto, que não era meramente ficcional:

Um ano após fontes de água serem encontradas em 1852 por uma das vinhas em Neuenahr Ahrweiler no Ahrtal, foi criada a empresa Água Mineral Spring, a companhia começou a promover e vender a água sob a marca do nome do

bispo italiano Apollinaris. Quando a empresa abriu filial na Inglaterra em 1892, as operações comerciais ampliaram-se e a marca virou símbolo de prestígio (SCHWARCZ, 2010, p. 681).

Os cenários, explorados pelo narrador, mostraram que as mercadorias tinham um valor metafísico, místico, para os personagens. As fumaças exaladas pelos charutos, a lubricidade da vida noturna, os ambientes forjados, geravam nos protagonistas uma espécie de frenesi. Esse valor metafísico é atrelado até mesmo a um elemento tão simples como a água, que teve seu fim convertido em status. No entanto, foi na prostituição que o fetiche da mercadoria alcançou o seu ápice, o gosto por prostitutas foi amplamente discutido entre o Comendador e o Coronel, que exprimiam essas questões com muito requinte.

Segundo Lukács (1969), “não existe criação literária que não conceda lugar a um certo grau de realismo” (LUKÁCS, 1969, p. 79). Portanto, o enredo descrito dialoga com o contexto, e a vida do autor está imbricada nele. Anteriormente tratei de um personagem que se conformaria no perfil de Lima Barreto, enquanto frequentador das casas de *rendez-vous*: se tratava de um jovem rapaz deslumbrado com o que a cidade lhe proporcionava. Abrangendo melhor essa questão, o narrador fez o esforço de inserir o autor como personagem, mas além de elemento compositor do enredo o escritor figurava a modernidade.

Pensando na questão do consumo, podemos enquadrá-lo no contexto para melhor entender as dinâmicas do período, bem como a maneira que os protagonistas lidavam com o fetiche da mercadoria. Jeffrey D. Needell, historiador estadunidense, investigou a vida cultural do Rio de Janeiro entre os séculos XIX e início do século XX, tendo publicado a obra *Belle Époque Tropical* (1987). Ao tratar sobre o consumo no período, Needell destacou três aspectos: o comércio de luxo, a moda e a prostituição sofisticada.

O que os consumidores cariocas projetavam nas mercadorias importadas de luxo era a mesma fantasia aristocrática que os burgueses europeus alimentavam. Só que, para os cariocas, esta fantasia tinha um significado distinto. No Rio, não se tratava simplesmente de um caso de identificação de classe, mas de identificação cultural. O fetiche que os cariocas reverenciavam nos importados de luxo tinha a ver com querer ser um aristocrata europeu. (NEDELL, 1987, p. 193).

O fetiche da mercadoria, no contexto do conto, estabeleceu uma relação com os personagens e o enredo, que obscureceu o passado escravocrata e colonial brasileiro. A fantasmagoria, proporcionada pelo progresso e a modernidade, mascarava essas relações, no entanto, seus aspectos se apresentavam na vida cotidiana. Lima Barreto buscava esse

passado na cidade, nos ambientes e relações sociais, e utilizava a sua literatura jornalística, investigativa, para encontrá-lo. O movimento é semelhante ao que Walter Benjamin (2015) identificou na obra de Charles Baudelaire, que viveu as transformações de Paris. Através da atividade de *flanêur*, Baudelaire procurou resquícios da cidade antiga.

Nos contos apresentados no capítulo, nada descreve melhor o passado brasileiro que os personagens Alice e Horácio. O pai de Alice roubou tudo de sua mãe, sem olhar pra trás, deixando a moça que passou os piores tormentos para sobreviver. Horácio surgiu de maneira inesperada no caminho de dois burgueses, apáticos com relação ao menino e até com suas próprias vidas. Não recebeu o amor e compaixão necessários a uma criança e por isso a sensação de deslocamento. Horácio nem ao menos se conhecia pois não teve contato com seu passado ou laços familiares.

Os períodos escravocrata e pós escravocrata foram marcados por relações fragmentadas de parentesco. Por isso a possibilidade de casos como o de Alice e o Comendador: pai e filha que acabaram tendo um relacionamento amoroso. A maneira como Horácio conviveu com essa fragmentação o levou a um confusão interna. Era um jovem com a necessidade adolescente de descobrir sua identidade, mas como fazer isso tendo sido transplantado para uma sociabilidade tão destoante, que o apartava de conhecer sua ancestralidade. A luta pela sobrevivência, na sociedade branca e racista, foi o elemento que uniu a trajetória de Alice e Horácio. Os dois carregavam as marcas do Brasil que as elites buscavam superar com o processo de modernização e europeização.

2- O caráter satírico em *A nova Califórnia* e *O homem que sabia falar Javanês*

A nova Califórnia se passa em Tubiacanga, cidade pequena e pacata, situada na Ilha do Governador. O cotidiano do local saiu da rotina com a chegada de um novo morador, seu nome era Raimundo Flamel. Fabrício, o pedreiro, realizava uma obra na casa do até então desconhecido, e quando interrogado sobre o que estava construindo, afirmou que era um forno. “Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção um forno na sala de jantar! ” (BARRETO, 2010, p. 63). A estranheza dos moradores da cidade não parou por aí, já que:

Pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidro, facas sem corte, copos como os da farmácia - um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse (BARRETO, 2010, p. 63).

As especulações acerca do caráter do residente geraram murmúrios por toda a cidade. “Para uns, os mais adiantados, era um fabricante de moeda falsa; para outros, os crentes e simples, um tipo que tinha parte com o tihoso” (BARRETO, 2010, p. 63). O Boticário Bastos, farmacêutico da cidade, fora o único que teve uma boa primeira impressão do novo habitante. Para ele “o desconhecido devia ser um sábio, um grande químico, refugiado ali para mais sossegadamente levar avante os seus trabalhos científicos” (BARRETO, 2010, p. 64). Bastos era um homem respeitado na cidade, sua figura tinha grande peso na opinião pública, portanto “levou tranquilidade a todas as consciências e fez com que a população cercasse de uma silenciosa admiração à pessoa do grande químico, que viera habitar a cidade” (BARRETO, 2010, p. 64).

Aos poucos o estranhamento deu lugar a um fascínio pelo recém-chegado, “tocava muito o coração daquela gente a profunda simpatia com que ele tratava as crianças [...] a bondade de Messias com que ele afagava aquelas crianças pretas, tão lisas de pele e tão tristes de modos; mergulhadas no seu cativeiro moral” (BARRETO, 2010, p. 64). O narrador inferiu sobre o fato de Raimundo Flamel pensar sobre peculiaridades de um romance francês, que traduzia o imaginário iluminista: “Por vezes, vinha-lhe vontade de pensar qual a razão de ter Bernardin de Saint-Pierre gasto toda a sua ternura com Paulo e Virgínia e esquecer-se dos escravos que os cercavam...” (BARRETO, 2010, p. 64).

Como afirmei na introdução do trabalho, a imprensa tinha um grande papel na circulação literária no Brasil, especialmente no período oitocentista. Pensando na

importância das fontes primárias, para entender quais romances eram lidos no período, a pesquisadora Andrea Müller (2014) fez uma pesquisa verificando os anúncios de romances que apareciam no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Em 1857, o romance setecentista *Paulo e Virgínia*, foi um dos mais divulgados no jornal. A crítica que o narrador expressou, por meio do que pensava Flamel, mostrou a incongruência do ideário iluminista no romance, que abarcava a noção de direitos humanos, mas não salientava as contradições da presença dessa formulação europeia em uma sociedade escravocrata.

Flamel ganhou a admiração de grande parte dos moradores de Tubiacanga, no entanto, Capitão Pelino, “mestre-escola e redator da *Gazeta de Tubiacanga*, órgão local e filiado ao partido situacionista, embirrava com o sábio” (BARRETO, 2010, p. 64). A sua opinião não era fundada em nenhuma questão específica, “baseava-se no seu oculto despeito vendo na terra um rival para a fama de sábio que gozava” (BARRETO, 2010, p. Idem). Capitão Pelino, autoproclamado guardião da língua portuguesa, criticava os artigos publicados no jornal, e através disso alcançou fama de sábio de Tubiacanga.

Ao entardecer, depois de ler um pouco [...] e de ter passado mais uma vez a tintura nos cabelos, o velho mestre-escola saía vagarosamente de casa, muito abotoado no seu paletó de brim mineiro, e encaminhava-se para a botica do Bastos a dar dois dedos de prosa. Conversar é um modo de dizer, porque era Pelino avaro de palavras, limitando-se tão somente a ouvir. Quando, porém, dos lábios de alguém escapava a menor incorreção de linguagem, intervinha e emendava (BARRETO, 2010, p. 65).

O personagem rivalizava com Flamel por receio e tentava difamar o rival. No entanto, “Flamel pagava em dia suas contas, como era generoso –pai da pobreza- e o farmacêutico vira numa revista de específicos seu nome citado como químico de valor” (BARRETO, 2010, p. 65). O movimento que o narrador fez acerca de Raimundo Flamel foi interessante: inicialmente se refere a ele como um estranho, mas na medida em que os personagens do conto mudaram a opinião acerca do novo morador, o trata com a mesma hombridade do povo de Tubiacanga. No entanto, a linguagem do narrador é carregada da ironia, que marcou toda a obra de Lima Barreto.

Se passaram alguns anos, desde os episódios descritos, até Flamel entrar na botica de Bastos, que o recebeu com prazer: “-Doutor, seja bem-vindo. O sábio não se surpreendeu nem com a demonstração de respeito do farmacêutico, nem com o tratamento universitário” (BARRETO, 2010, p. 66). Flamel desejava falar em particular com o farmacêutico, que se espantou com a situação. Quando começaram a conversar, o químico

disse que havia feito uma grande descoberta científica e que não convinha comentar sobre ela no meio sábio, ademais afirmou que precisava de três pessoas para testemunharem a viabilidade da experiência. Informando a Bastos que se tratava de fazer ouro, o farmacêutico interrogou Flamel sobre o *modus operandi*, e este o informou que logo mais ele ficaria sabendo.

Os três homens requeridos por Flamel foram o próprio Boticário, Coronel Bentes e o Tenente Carvalhais. O químico fez uma indagação acerca de Coronel Bentes: - É religioso? Faço-lhe esta pergunta, acrescentou Flamel logo, porque temos que lidar com ossos de defunto e só estes servem...” (BARRETO, 2010, p. 67). Tenente Carvalhais era maçom, fator que aumentou a expectativa do sábio sobre ele. Os homens marcaram de encontrar-se para verificarem a experiência: “domingo, conforme prometeram, as três pessoas respeitáveis de Tubiacanga foram à casa de Flamel, e, dias depois, misteriosamente, ele desapareceu sem deixar vestígios ou explicação para o seu desaparecimento” (BARRETO, 2010, p.67).

Tubiacanga, fora batizada com este nome por ter se formado ao redor de um rio de mesmo nome. Através da exportação de café a cidade se sustentava. Ademais, ostentava ordem e segurança:

Era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de parar. Há cinco anos não se registrava ela um furto ou roubo. As portas e janelas só eram usadas... porque o Rio as usava (BARRETO, 2010, p. 68).

A harmonia do local foi rompida quando um crime, “dos mais repugnantes que se tem história” (BARRETO, 2010, p. 68), ocorreu.

Não se tratava de um esquitejamento ou parricídio; não era o assassinato de uma família inteira ou um assalto à coletoria; era coisa pior, sacrílega aos olhos de todas as religiões e consciências: violavam-se as sepulturas do ‘sossego’, do seu cemitério, do seu campo-santo (BARRETO, 2010, p. 68).

Em *Da divisão do trabalho social* (2016), Durkheim salientou que o crime viola a solidariedade social, e toda sociedade possui sua significação moral específica. No caso de Tubiacanga, a violação de sepulturas caracterizava a maior das amoralidades, portanto, todos ficaram aterrorizados com tamanha barbaridade. A indignação mobilizou todos os estratos do local

Contra a profanação clamaram os seis presbiterianos do lugar[...] clamava o agrimensor Nicolau, antigo cadete, e positivista do rito Teixeira Mendes; clamava o major Camanho, presidente da loja Nova Esperança; clamavam o turco Miguel Abudala, negociante de armarinho, e o cético Belmiro, antigo estudante, que vivia ao deus-dará, bebericando parati nas tavernas. A própria

filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que vivia desdenhando aquele lugarejo [...] Cora não pôde deixar de compartilhar da indignação e do horror que tal ato provocara em todos do lugarejo. (BARRETO, 2010, p.68).

Capitão Pelino era quem tinha mais aversão ao que ocorria na cidade, escrevia artigos nos jornais afirmando que nenhum crime anterior foi tão horripilante quanto a violação das sepulturas.

E a vila vivia em sobressalto. Nas faces não se lia mais paz; os negócios estavam paralisados; os namoros suspensos. Dias e dias por sobre as casas pairavam nuvens negras e, à noite, todos ouviam ruídos, gemidos, barulhos sobrenaturais.... Parecia que os mortos pediam vingança. (BARRETO, 2010, p. 69).

Por mais que a cidade estivesse alerta por esse terror, os crimes continuavam ocorrendo, quase como se o horror despertado impedisse os habitantes de tomarem uma ação drástica. Por conta da frequência das transgressões “toda a população resolveu ir em massa guardar os ossos de seus maiores” (BARRETO, 2010, p. 69). Além disso, organizaram uma guarda no cemitério, em que “dez homens decididos juraram perante o subdelegado vigiar durante a noite a mansão dos mortos” (BARRETO, 2010, p. idem). Apenas no quarto dia de vigília houve movimentação no cemitério, na mesma noite, dois homens foram pegos. Diante da população inteira, os dois foram desmascarados. Os cidadãos de Tubiacanga ficaram chocados ao perceberem que eram o Coronel Bentes e o Tenente Carvalhais. A cena inacreditável levantou uma questão nos habitantes: o que levaria homens ricos e influentes a violarem túmulos?

Apenas o Coronel Bentes permaneceu vivo face à ira da população, sendo assim respondeu as indagações: “pôde dizer que juntava os ossos para fazer ouro e o companheiro que fugira era o farmacêutico” (BARRETO, 2010, p. 70). A cidade ficou se questionando se realmente era viável transformar ossos em ouro, o que acalentou a discussão foi a posição que o Coronel Bentes ocupava: “Mas aquele homem rico, respeitado, como desceria ao papel de ladrão de mortos se a coisa não fosse verdade! ” (BARRETO, 2010, p. idem). Os cidadãos de Tubiacanga passaram a ter devaneios sobre enriquecerem com despojos.

A desinteligência não tardou a surgir; os mortos eram poucos e não bastavam para satisfazer a fome dos vivos. Houve facadas, tiros, cachações. Pelino esfaqueou o turco por causa de um fêmur e mesmo entre as famílias questões surgiram. Unicamente, o carteiro e o filho não brigaram. Andaram juntos e de acordo e houve uma vez que o pequeno, uma criança esperta de onze anos, até aconselhou ao pai: ‘papai vamos aonde está mamãe; ela era tão gorda...’ (BARRETO, 2010, p. 70).

O Capitão Pelino, antes escandalizado fortemente com as violações das covas, se mostrou um grande ganancioso, assim como os demais habitantes. Tubiacanga converteu-se num cenário apocalíptico, “o cemitério tinha mais mortos do que aqueles que recebera em trinta anos de existência” (BARRETO, 2010, p. 70). O bêbado Belmiro fora o único que “não matara nem profanara sepulturas” (BARRETO, 2010, p. idem). Apenas ele e o rio ficaram para contar história.

O elemento cômico e a surpresa representada pela virada narrativa de *A nova Califórnia*, são questões fundantes do próximo texto. Lima Barreto ironizou a sociedade da época, em especial os funcionários que ocupavam altos cargos na burocracia de Estado ou os indivíduos que tinham profissões prestigiosas. O conto *O homem que sabia Javanês*, narrado em primeira pessoa pelo personagem principal, se passa numa confeitaria em que dois amigos se reencontraram para conversar. Se tratavam de Castro e Castelo. O segundo contava ao amigo que, em dada ocasião, escondera que era um bacharel para obter maior credibilidade. O foco do diálogo são as experiências de Castelo “neste Brasil imbecil e burocrático” (BARRETO, 2010, p. 71).

- (...) *Imagina tu que eu já fui professor de javanês*”

-*Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?*

-*Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.*

(BARRETO, 2010, p. 71)

Quando Castelo chegou no Rio de Janeiro viveu grandes problemas financeiros. No *Jornal do Commercio* se deparou com o anúncio “precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas etc.” (BARRETO, 2010, p. 72). A falta de concorrência para a vaga chamou a atenção do personagem, que mesmo não sabendo de que idioma se tratava, fora à biblioteca afim de descobrir.

Na escada, acudiu-me pedir a Grande encyclopédie, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e a língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo malaio-polinésio, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu. (BARRETO, 2010, p. 72).

Castelo debruçou-se sobre o idioma, copiou o alfabeto, escrevia notas e andava pelas ruas “perambulando e mastigando letras” (BARRETO, 2010, p. 72). Após se convencer da facilidade do javanês, o personagem passou a performar o papel de professor do idioma. Fora indagado pelo português, encarregado dos aluguéis dos cômodos em que morava, sobre quando pagaria sua mensalidade:

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança:

-Breve.... Espere um pouco.... Tenha paciência.... Vou ser nomeado professor de Javanês.

(...)

-Que diabo vem a ser isso, senhor Castelo?

Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem:

-É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde

Oh! Alma ingênua! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquele falar forte dos portugueses:

-Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macau. (BARRETO, 2010, p. 72-73)

Recorrentemente a figura do português apareceu nos contos, como os amigos de *Um especialista* e, na análise que se seguirá, no conto *Um e Outro*, o amante da protagonista era um comerciante português. Pensando na comunicabilidade entre obras atrelada a ideia de sistema literário, desenvolvido por Antônio Cândido (1959), há uma semelhança na constituição do português na literatura brasileira que se manifestou na obra de Lima Barreto. Os personagens portugueses de Lima Barreto acumulavam títulos, eram ricos, donos de seus negócios e exploravam sexualmente mulheres. Cândido, no ensaio já citado, *De cortiço à cortiço* (1991), esmiuçou a figura de João Romão do romance naturalista *O Cortiço* (1890).

N'O Cortiço, João Romão não se distingue inicialmente pelos hábitos da escrava Bertoleza; mas é o princípio construtor e animador da morada coletiva, de cuja exploração dura vai tirando os meios que o elevam no fim do livro ao andar da burguesia, pronto para ser Comendador ou Visconde. Ri melhor quem ri por último. Quem ri por último no livro é ele, sobre as vidas destroçadas dos outros, queimados como lenha para a acumulação brutal do seu dinheiro (CÂNDIDO, 1991, p. 115).

No trecho, Cândido reiterou que os elementos de distinção dos portugueses ante os demais brasileiros, em questão de *habitus*, era pouco diferenciável. Entretanto, esses personagens (usarei no plural pois enquadro João Romão no mesmo patamar que os personagens de Lima Barreto) de alguma forma conseguiam acumular riquezas e alcançar posições de prestígio. No caso de João Romão, isso se deu por meio da exploração de figuras mais subalternas que ele. No país escravocrata, esse grau de subalternidade era conferido pela raça, como é o caso do Comendador, de *Um especialista*, que roubou a herança da mãe de Alice.

Após o episódio, e já feliz com os frutos da fluência no javanês, Castelo se candidatou à vaga de professor. Em dois dias obteve resposta para falar com o empregador, se tratava de Manuel Feliciano Soares Albernaz, barão de Jacuecanga.

Dando continuidade aos estudos de Javanês, Castelo aprendeu o nome de alguns autores do idioma e regras gramaticais. A cidade em que a entrevista se realizaria era longe e, para chegar até lá, Castelo teve que ir a pé, já que não tinha os quatrocentos réis do deslocamento. Chegando na casa do barão, o personagem observou que:

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava maltratada, mas não sei por que me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam ali, como dentaduras decadentes ou malcuidadas.

(...)

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandos, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à balão (BARRETO, 2010, p.73-74).

Mais do que as memórias de uma família, a casa carregava os traços de decadência da baixa monarquia. A burocracia republicana, já em voga, tornava obsoleta aquela estrutura social. Ao encontrar o velho barão, Castelo iniciou uma conversa com ele

-Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?

-Não, sou de Canavieiras.

-Onde fez os seus estudos?

-Em São Salvador.

-E onde aprendeu o Javanês?

(...) Conte-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabeleceu-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês.

(BARRETO, 2010, p. 74)

Castelo é um narrador pouco confiável, portanto, mesmo que tenha nascido na Bahia ou estudado em São Salvador, a veracidade dos fatos é questionável. O barão logo acreditou no que o personagem relatou e segundo Castelo, suas características físicas o ajudaram: “-Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a minha pele basané podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio...” (BARRETO, 2010, p. 74-75). O aspecto físico do personagem ajudou a conferir o papel de descendente malaio, além de sua história, portanto o barão lhe concedeu o emprego.

O aluno reiterou a Castelo que aprender javanês tinha a ver com um legado de família:

-O que eu quero, meu caro senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres. Trouxe para aqui

um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: “Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem o tem” (BARRETO, 2010, p. 75).

O barão disse que por muito tempo desconsiderou o livro, no entanto, após diversos infortúnios, se lembrou do presente que o avô ganhou e decidiu aprender o idioma para entender o calhamaço. A família do barão era composta por uma filha, genro e neto, o afincado em compreender a obra tinha a ver com o medo que ele carregava de não ter descendência. Quando Castelo teve acesso ao livro, conseguiu traduzir algumas informações, escritas em inglês, que se encontravam no prefácio, “se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito. Logo que informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio” (BARRETO, 2010, p. 76).

Assim que começaram as aulas, Castelo percebeu que o barão não tinha a mesma facilidade que ele com os estudos, “não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o senhor barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia” (BARRETO, 2010, p. 76). Os familiares, que Castelo julgava não conhecer sobre o livro, se interessaram pelos estudos do barão, encararam que a atividade seria boa para ele. O genro do barão, “era desembargador, homem relacionado e poderoso” (BARRETO, 2010, p. 76), admirava Castelo por seu ofício.

Logo o barão desistiu de aprender o idioma e pediu que o professor lhe contasse as histórias traduzidas. Para realizar o desejo de seu aluno, Castelo compôs umas histórias “como sendo do crônicon” (BARRETO, 2010, p. 76), o barão as ouvia com devoção. Aos poucos o protagonista foi ocupando um espaço maior na vida da família, foi morar na casa e ganhava presentes e aumentos de salário frequentemente. O barão foi agraciado com a herança de um parente distante, que vivia em Portugal, e a dádiva foi atrelada a revelação do escrito malaio. Aos poucos, Castelo foi se estabilizando naquela vida e perdendo o medo. No entanto, tinha receio de em algum momento surgir um verdadeiro falante de javanês para o desmascarar.

O barão enviou uma carta para o conde de Caruru, da Secretaria dos Estrangeiros, para que Castelo ingressasse na diplomacia. “O diretor chamou o chefes de secção: ‘Vejam só, um homem que sabe javanês- que portento!’” (BARRETO, 2010, p. 77). A

aptidão para o javanês chamou a atenção dos integrantes do ministério, no entanto, quando apresentado ao ministro, o fator não foi suficiente para torná-lo diplomata. “Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania” (BARRETO, 2010, p. 77). Por maior que fosse o prestígio atribuído a Castelo, sua mestiçagem era uma barreira de ascensão. A competência do personagem, no conhecimento da língua exótica, não foi questionada, mas sua aparência física sim, e isso o impossibilitou de ingressar na diplomacia.

Por mais que não tenha alcançado o cargo almejado pelo barão, Castelo conseguiu um posto no ministério, e representaria o Brasil num congresso linguístico. “Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábio” (BARRETO, 2010, p. 77). O barão morreu e deixou uma parte de sua fortuna para Castelo, que aos poucos alcançava fama por sua vocação em javanês. O personagem vivia uma vida agradável e tentava aprimorar o seu ofício no idioma que lhe consagrou, porém: “bem jantado, bem-vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas” (BARRETO, 2010, p. 78).

Castelo contou a Castro que tinha a estima de gramáticos, havia recebido a proposta de ministrar aulas de javanês, mas recusou, e que até mesmo escrevia artigos sobre literatura javanesa no *Jornal do Commercio*. Sendo assim, o amigo perguntou a Castelo:

-Como, se tu nada sabias?

-Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas publicações de geografias, e depois citei a mais não poder.

-E nunca duvidaram?

-Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um marujo, um tipo bronzado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o entendia. Fui também chamado, com todos os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas. E o tal marujo era javanês- ufr! (BARRETO, 2010, p. 78).

Passado o episódio narrado chegou o congresso linguístico em que Castelo representaria o Brasil.

Inscreveram-me na secção de tupi-guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no Mensageiro de Bâle o meu retrato, notas biográficas e bibliográficas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por ter dado aquela secção; não conhecia os meus trabalhos e julgara que, por ser eu

americano brasileiro, me estava naturalmente indicada a secção de tupi-guarani (BARRETO, 2010, p. 78).

Castelo, no fim do congresso, publicou artigos em diversos países europeus e leitores de sua obra lhe ofereceram um banquete. O protagonista ganhou estima nacional, chegando a ser convidado pelo presidente da república para um almoço. “Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia” (BARRETO, 2010, p. 79). Castelo terminou de narrar sua peripécia afirmando que, não fosse especialista em javanês se tornaria “bacteriologista eminente” (BARRETO, 2010, p. 79) mostrando que pouco importa a aptidão para qualquer ofício, desde que se saiba encenar.

Se lembrarmos de *As representações do eu na vida cotidiana* (2002), Erving Goffman tratou sobre a dramatização da vida social, realizada pelos atores. Segundo o sociólogo canadense, o objetivo da representação é acima de tudo convencer um determinado público. O conteúdo da encenação, em alguns casos, pode ser inautêntico, como é no exemplo de Castelo. De toda forma o ator mobiliza os elementos que tem à disposição para gerar esse convencimento, como o cenário, sua forma gestual e de entonação das palavras. A importância desses elementos é tão central quanto a dos conteúdos emitidos através da fala. No caso de Castelo, essas questões foram mais relevantes que suas aptidões.

Dos contos analisados, esses são os que apresentam um maior grau de sátira ante as relações sociais dos enredos e do próprio contexto. Élide Oliver (2008) investigou o movimento satírico na obra de Lima Barreto. A autora afirmou que a tolerância à sátira diz muito sobre um contexto social, pois “nada corrói, dissolve, subverte, aniquila mais o poder político do que o poder do ridículo” (OLIVER, 2008, p. 217). Lima Barreto sabia do valor de seus escritos e da importância deles circularem nos jornais, e por meio do ridículo conseguiu apontar as contradições que enxergava, fator que o levou a colecionar uma série de inimizades políticas.

Para a autora, os fatores que fizeram a obra de Lima Barreto ser tão rechaçada pelos críticos foram: o caráter cômico dos enredos, a forma inacabada dos romances, e o fato dos personagens não apresentarem rebuscadas questões psicológicas. Oliveira Lima e José Veríssimo foram críticos literários que gostavam da obra de Lima Barreto, no entanto, ainda assim salientaram para a questão da forma dos romances do autor. Élide

Oliver mostrou que a maior parte da crítica de Lima Barreto se debruçou em seus romances, no entanto, características intrínsecas a escrita do autor, como ácido teor humorístico, não caíam bem no gênero.

Acrescentamos que Lima Barreto não se submete exclusivamente ao romance por vários fatores: formação, influências, metas e temperamento, com todas as complexidades que esses fatores implicam. A forma exclusiva do romance, para Lima Barreto, não lhe podia fornecer as estruturas e nem os materiais suficientes para forjar a sua obra (OLIVER, 2008, p. 221).

Apesar das questões apontadas, me deterei ao caráter satírico dos textos de Lima Barreto que é mais evidente nos contos apresentados neste capítulo. Ao classificar o tipo de sátira utilizado na obra do autor, Élide Oliver elencou uma específica: a sátira menipéia. No entanto, a autora salientou a dificuldade de categorizar a sátira menipéia, e mais especificamente os substratos dessa classe, nos quais a obra de Lima Barreto está circunscrita.

O teórico mais conhecido por ter escrito sobre esse tipo de sátira foi Mikhail Bakhtin, com seu famoso texto *A poética de Dostoiévski* (1970). Élide Oliver reiterou em seu trabalho que as categorias levantadas pelo autor, dentro da sátira menipéia, criam uma autonomia que não é tão evidente nas obras literárias. A sátira menipéia representa o *mundo do avesso* e se caracteriza pela construção de textos cômicos, livres a experimentações de eventos que culminem num ideal filosófico pré-estabelecido. Essas narrativas geralmente recorrem ao grotesco em situações que fogem do comumente estabelecido em dadas sociabilidades.

Pode-se argumentar que a visão de mundo de Lima Barreto está carregada dessa inversão. Para o autor, o mundo em que vive é a expressão mesma dessa reversão e cabe a ele, analisá-la e mostrá-la; ou, opostamente, criar um mundo invertido que sirva de espelho e reflita o mundo “real” em toda sua imperfeição (OLIVER, 2008, p.243).

Em *A nova Califórnia* o enredo construiu uma cidade que viveu uma reviravolta em seu cotidiano. Todos os papéis sociais foram invertidos, os homens de prestígio se tornaram saqueadores, o progresso científico levou à violações aos direitos dos mortos de descansarem em paz. O que mais me chamou atenção no conto, é que em nenhum momento se comprovou a viabilidade de transformar ossos em ouro. Toda a carnificina se deu por uma especulação, baseada no crédito que as figuras de notoriedade tinham no contexto. *O homem que sabia javanês* investigou mais à fundo esses homens de prestígio, no enredo foi a república que ganhou sua versão invertida. Castelo, um cativante narrador,

alcançou sucesso num ofício sem ter aptidão para tal, mostrando o quão frágeis eram os critérios da república para eleger seus intelectuais.

3- A cidade moderna e o cientificismo na perspectiva de *Um e outro e Miss Edith e seu tio*

O enredo do conto *Um e Outro* retratou a história de Lola, uma espanhola, que mantinha um caso com Freitas, um comerciante. Os dois estabeleceram uma relação longa e sólida e, por mais que fossem amantes, Lola era tratada como esposa de Freitas. Por mais que a relação dos dois apresentasse traços de respeito e cumplicidade, Lola tinha um caso com seu *chauffeur*. No entanto, a personagem guardava remorço por manter a relação com o *chauffeur*, e “não a absolvía perante ela mesma de estar enganando o homem que lhe dava tudo, que educava sua filha, que a mantinha como senhora” (BARRETO, 2010, p. 80).

Lola era uma personagem imaginativa, beirava os cinquenta anos de idade e se orgulhava de sua sensualidade. Guardava por si grande apreço e, em um momento, ao se olhar no espelho “teve satisfação de ver sua carne; teve orgulho mesmo. Há quanto tempo ela resistia aos estragos do tempo e ao desejo dos homens? Não estava moça, mas se sentia apetitosa. Quantos a provaram?” (BARRETO, 2010, p. 81). Lola já havia tido numerosas relações amorosas e, por vezes, se questionava se aquilo era um estilo de vida pecaminoso. Entretanto, era a morte que assombrava a protagonista pois ela não queria sucumbir, como qualquer outra pessoa

Que as vagabundas comuns morressem, vá! Que as criadas morressem vá! Ela, porém, ela que tivera tantos amantes ricos, ela que causara rixas, suicídios e assassinatos, morrer, era uma iniquidade sem nome! Não era uma mulher comum, ela, a Lola, a Lola desejada por tantos homens; a Lola, amante do Freitas, que gastava mais de um conto de réis por mês nas coisas triviais da casa, não podia nem devia morrer. Houve então nela um assomo íntimo de revolta contra o destino implacável. (BARRETO, 2010, p. 81).

A protagonista havia ascendido de classe por meio de suas relações amorosas, e o único imprevisto que poderia lhe tirar a vida que conquistou era a morte. Ademais, para a personagem as pessoas tinham graus de relevância, de maneira que uns mereciam a morte e outros não. Lola se vestia para sair de casa quando percebeu que faltava um botão em sua blusa “Lembrou-se de pregá-lo, mas imediatamente lhe veio a invencível repugnância que sempre tivera pelo trabalho manual. Quis chamar a criada: mas seria demorar. Lançou mão de alfinetes” (BARRETO, 2010, p. 81).

Lola carregava as marcas da ascensão e criou uma série de signos que abarcavam sua nova configuração social. A distinção foi um elemento crucial para a personagem, que buscava se distanciar de seu passado pobre. A morte seria o único momento em que

sua posição de classe não a apartaria dos demais, a morte a igualava com as criadas e as vagabundas, e por isso a personagem a temia com indignação. Ao reparar os móveis de sua casa a protagonista pensou que “eram caros, eram bons. Restava-lhe esse consolo: morreria, mas morreria no luxo, tendo nascido em uma cabana” (BARRETO, 2010, p. 81).

O narrador, ao descrever o passado de Lola, afirmou que a protagonista

Ao nascer, até aos vinte e tantos anos, mal tinha onde descansar após as labutas domésticas. Quando casada, o marido vinha suado dos trabalhos do campo e, mal lavados, deitavam-se. Como era diferente agora... Qual! Não seria capaz de suportá-lo mais... Como é que pôde?” (BARRETO, 2010, p. 81-82).

Fazendo digressões, a personagem se questionava sobre como passou de criada a amante de Freitas, no entanto, Lola era ambiciosa, portanto “a ascensão, parecia-lhe gloriosa e retilínea” (BARRETO, 2010, p. 82). A protagonista havia sido casada na juventude e essa relação lhe rendeu uma filha, Mercedes. A moça “nascera no Brasil, dois anos após sua chegada, um antes de abandonar o marido” (BARRETO, 2010, p. 82).

Lola media sua posição de classe por meio da quantidade de empregadas que tinha. “Ela, a antiga criada, gostava de lembrar-se do número das que tinha agora, para avaliar o progresso que fizera na vida” (BARRETO, 2010, p. 82). Essa maneira de medir ascensão poderia ser peculiar, no entanto, num país em que o regime escravocrata fez parte de sua gênese, a prática não era uma aberração. Os traços da personalidade de Lola ficaram mais evidentes quando esta saiu de casa em direção ao encontro com o amante *chauffeur*.

A rua dava-lhe mais força de fisionomia, mais consciência dela mesma. Como se sentia estar no seu reino, na região em que era rainha e imperatriz. O olhar cobiçoso dos homens e o de inveja das mulheres acabavam o sentimento de sua personalidade, exaltavam-no até. Dirigiu-se para a rua do Catete com o seu passo miúdo e sólido [...]. No caminho trocou cumprimentos com as raparigas pobres de uma casa de cômodos da vizinhança.

-Bom dia, madama.

-Bom dia.

E debaixo dos olhares maravilhados das pobres raparigas, ela continuou o seu caminho, arrepanhando a sala, satisfeita que nem uma duquesa, atravessando os seus domínios. (BARRETO, 2010, p. 82).

A rua do Catete abrigou a família real quando eles chegaram no Brasil. O fato de Lola se sentir membro da realeza ao passar pelo local, pode ser em alusão a isso. O movimento que a protagonista fez ao cumprimentar, com desdém, as raparigas pobres também tinha a ver com sua necessidade de reafirmar, a todo momento, sua posição de

classe. A validação que Lola precisava só era possível com as relações estabelecidas ante a desigualdade social que assolava o Rio de Janeiro. Na *Belle Époque* carioca o processo de urbanização e modernização da cidade não foram capazes de esconder os problemas sociais. Por mais que a cidade almejasse alcançar o progresso europeu, lidava com questões estruturais típicas do pós escravismo, como o excedente populacional e as epidemias que assolavam as classes abastadas. Lola é fruto da elite que pretendia ignorar todos os problemas nacionais em nome de um novo *status*, no entanto, com sutileza, o narrador compôs cenários que questionavam as questões psicológicas da personagem.

Lola foi ao encontro de Freitas para lhe pedir dinheiro pois

Tencionava comprar um mimo e oferecê-lo ao chauffeur do ‘seu’ Pope, o seu último amor, o ente sobre-humano que ela via coado através da beleza daquele ‘carro’ negro, arrogante, insolente, cortando a multidão das ruas orgulhoso como um Deus” (BARRETO, 2010, p. 83).

No primeiro capítulo do texto, tratei sobre o fetiche da mercadoria, e recuperarei o conceito para lidar com os sentimentos de Lola pelo *chauffeur*. O amante é descrito como uma figura coisificada, metafísica, que no trecho acima é descrito como “ente sobre humano”. A figura do motorista e do carro eram indissociáveis para Lola “na imaginação, ambos, ‘*chauffeur*’ e ‘carro’, não os podia separar um do outro; e a sua imagem dos dois era uma única de suprema beleza” (BARRETO, 2010, p. 83). O afeto de Lola partiu de uma coisificação do indivíduo com quem se relacionava.

João Carrascoza (2016), reiterou “a fusão do carro com o homem moderno” (CARRASCOZA, 2016, p.01). Para o autor, “o automóvel inaugurou uma espécie de fragmentação da vida social, mudando para sempre as relações cidade e campo, ambos remodelados com sua chegada” (CARRASCOZA, 2016, p.Idem). O exemplo do conto mostra que a implementação do meio de transporte no Brasil foi carregado com a fantasmagoria típica das elites brasileiras. Lola fazia parte desse estrato e por isso o deslumbramento, para ela

O automóvel, aquela magnífica máquina, que passava pelas ruas que nem um triunfador, era bem a beleza do homem que guiava; e quando ela o tinha nos braços, não era bem ele quem a abraçava, era a beleza daquela máquina que punha nela ebriedade, sonho e a alegria singular da velocidade [...]. A vida de centenas de miseráveis, de tristes e mendicantes sujeitos que andavam a pé estava a dispor de uma simples e imperceptível volta no guidão; e o motorista, aquele motorista que ela beijava, que ela acariciava, era como uma divindade que dispusesse de humildes seres deste triste e desgraçado planeta (BARRETO, 2010, p. 83).

No carro Lola realizava o seu desejo de distinção, e por meio do símbolo de luxo externalizava seu poder de compra. Por mais que fosse rodeada de riquezas, o automóvel lhe oferecia algo a mais: a possibilidade de ser enobrecida aos olhos dos outros. No automóvel o desdém que ela costumava tratar as pessoas se acentuava, já que os veículos eram uma raridade, disponíveis a poucos. Lola chegara no ponto de encontro com Freitas, a personagem parou na Praça da Glória, “aquele trecho da cidade tem um ar de fotografia, como que houve nele uma preocupação de vista, de efeito em perspectiva; e agradava-lhe” (BARRETO, 2010, p. 83-84). Em 1926 a Praça da Glória se tornou Praça Paris, grande símbolo da *belle époque* carioca.

O conto *Um e Outro* é o que mais dialoga com os traços urbanísticos do Rio de Janeiro no período, a protagonista dialogou com as paisagens durante uma viagem de bonde. Lola admirava as construções e os ambientes forjados pelas reformas urbanas na cidade. A protagonista representou a elite entusiasmada com as mudanças nas paisagens do Rio de Janeiro e para ela “a natureza era completamente indiferente” (BARRETO, 2010, p. 84). O apreço que vimos em Lola é diferente do encontrado em Horácio, no primeiro capítulo. Enquanto o menino preferia a singularidade da natureza, Lola era adepta à modernização. Os dilemas psicológicos da personagem estavam imbricados ao seu poder de compra e a necessidade de se apartar de seu passado pobre.

Todos os símbolos da modernidade brasileira foram aderidos por ela, que passando em frente ao Theatro Municipal, “olhou-lhe as colunas, os dourados, achou-o bonito, bonito como uma mulher cheia de atavios” (BARRETO, 2010, p. 84). A obra do Theatro foi iniciada durante o governo de Pereira Passos, prefeito que iniciou as transformações urbanas do Rio de Janeiro em 1902. Pereira Passos viveu em Paris durante as reformas de Hausmann, e se inspirou no projeto urbanístico da cidade.

Esperando o encontro com Freitas, em um *restaurant*, e observando o movimento da rua 1º de Março, Lola encontrou uma conhecida, era Rita. Ao observar a moça, “não lhe foi dado ver bem o vestuário dela, mas viu o chapéu cuja *pleureuse* lhe pareceu mais cara que a do seu. Como é que arranjava aquilo? Como é que havia homens que dessem tal luxo a uma mulher daquelas? Uma mulata...” (BARRETO, 2010, p. 85). Em diálogo com Freitas, Lola afirmou que homens que se relacionavam com mulheres negras eram porcos. A superioridade que Lola sentia ante a outras pessoas também se estabelecia dentro dos parâmetros raciais. Havia uma confluência entre classe e raça que fazia com que a protagonista estabelecesse sua superioridade.

Sentada no estabelecimento com Freitas, Lola o examinou: “não era bonito, muito menos simpático. Desde muito verificara isso, agora, porém, descobrira o máximo defeito de sua fisionomia. Estava no olhar, no olhar sempre o mesmo fixo, esbugalhado, sem mutações e variações de luz” (BARRETO, 2010, p.85). A personagem perguntou se ele havia arranjado o dinheiro que prometera. Freitas, segundo o narrador, “tratava-se de dinheiro e o seu orgulho de homem do comércio que sempre se julga rico ou às portas da riqueza, ficou um pouco ferido com a pergunta da amante” (BARRETO, 2010, p. 85). Lola sabia dessa característica de seu companheiro e se aproveitava, “era seu hábito sempre procurar na conversa caminho para mostrar-se arrufada e dar a entender ao amante que ela se sacrificava vivendo com ele” (BARRETO, 2010, p. 85).

O relacionamento de Freitas e Lola era baseado numa troca de benefícios. Para ele a amante “fora sempre tentadora e provocante, punha a sua pessoa em foco e garantia-lhe um certo prestígio sobre outras mulheres” (BARRETO, 2010, p. 86). A relação dos dois lembra a dos padrinhos de Horácio, como é possível notar no primeiro capítulo, eles mantinham o casamento por um jogo de interesses. No fim do encontro de Lola e Freitas, a personagem seguiu para a rua do Ouvidor, em busca do presente do *chauffeur*. Em nota, Lília Schwarcz (2010), falou sobre o fato da rua ser símbolo das elites da república. “Era lá que se praticava a arte do ‘ver e ser visto’. Era também por lá que se podia comprar de tudo: sorvetes, roupas, chapéus, mas também fazer o cabelo ou almoçar entre elegantes” (SCHWARCZ, 2010, p. 681).

O narrador, que a todo momento faz críticas as práticas de Lola, e no trecho em que relatou que a protagonista foi a lojas de jóias procurar o presente, isso ficou evidente. “Parou numa vitrine e viu uma cigarreira. Simpatizou com o objeto. Parecia caro e era ofuscante: ouro e pedrarias- uma coisa demal gosto evidente. Achou-a maravilhosa, entrou e comprou-a sem discutir (BARRETO, 2010, p. 86). O gosto da personagem foi questionado pelo próprio narrador, além disso o trecho evidenciou que, para a protagonista, o valor das coisas não se media pela estética, mas pelo preço que aparentavam ter. Após comprar o presente, a personagem seguiu para o encontro com o *chauffeur*. Os dois estavam juntos a seis meses, e se encontravam em uma casa na candelária que era “discreta e limpa, bem frequentada, cheia de preocupações para que os frequentadores não os vissem” (BARRETO, 2010, p. 86).

Apenas no fim do conto o amante de Lola recebeu um nome: José. Quando entrou no quarto que alugaram, a personagem “cravou o olhar no rosto grosseiro e vulgar do

motorista; e após um instante de contemplação, debruçou-se e beijou-o com volúpia, demoradamente” (BARRETO, 2010, p. 87). José era impaciente e quando Lola comentou sobre o presente que tinha comprado, ele disse para ela apresenta-lo sem rodeios. “Lola procurou a bolsa, abriu-a devagar e de lá retirou a cigarreira. Foi até o leito e entregou-a ao *chauffeur*” (BARRETO, 2010, p. 88). José ficou muito contente com o presente e contou para Lola que não dirigia mais o Pope, agora andava num táxi.

Quando o chauffeur lhe disse isso, Lola quase desmaiou; a sensação que teve foi de receber uma pancada na cabeça.

Por então, aquele Deus, aquele dominador, aquele supremo indivíduo descera a guiar um táxi, sujo, chacoalhante, mal pintado [...]

E aquela abundante beleza do automóvel de luxo que tão alto ela via nele, em um instante, em um segundo, de todo se esvaiu. [...]

Não era mais o mesmo, não era o semideus, ele que estava ali presente; era outro.

Deitou-se a seu lado com muita repugnância e pela última vez. (BARRETO, 2010, p. 88).

Os contos reunidos nesse capítulo, apresentam um escritor que tratava de temáticas mais maduras. A construção de Lola foi muito interessante pois Lima Barreto formulou uma personagem da elite que tanto criticava. O autor interferiu na forma do conto, criando um narrador que se contrapõe, e até mesmo despreza, a maneira que a protagonista lidava com a vida cotidiana. Essa característica do narrador de Lima Barreto aparece em todos os contos narrados em terceira pessoa, mas em *Um e Outro* e *Miss Edith e seu tio* é como se o narrador estivesse mais implícito aos enredos. Ademais, as mudanças urbanas são mais evidentes nesses contos que, ao contrário do imaginário esperançoso do período, apresentaram um grau de melancolia ante o processo de modernização.

A história de *Miss Edith e seu tio* se passou numa “pensão familiar em ‘Boa Vista’ [...] muito feia de fachada, com dois pavimentos, possuindo bons quartos. Tinha boas paredes de sólida alvenaria de tijolos e pequenas janelas de portadas de granito” (BARRETO, 2010, p. 109). A pensão ficava próxima à praia do Flamengo e carregava a memória de outros tempos, já que “a construção devia datar cerca de sessenta anos atrás” (BARRETO, 2010, p. 109). No terreno que cercava a pensão, que o narrador afirmou que poderia ter sido uma extensa chácara, estavam sendo construídos “prédios modernos, muito pelintras e enfazados”(BARRETO, 2010, p. 109).

Para o narrador, a pensão, por mais que estivesse em decadência, carregava as marcas do tempo. “Os aposentos e corredores da obsoleta moradia tinham uma luz especial, uma quase penumbra, esse toque de sombra do interior das velhas casas, no seio

da qual flutuam sugestões e lembranças” (BARRETO, 2010, p. 109). A memória era um elemento caro a Lima Barreto, que tinha medo de que a modernidade desfigurasse o passado brasileiro. No exemplo os prédios construídos ameaçavam a casa, que carregava o passado e suas lembranças. A dona da pensão era Mme. Barbosa, “uma respeitável viúva de seus cinquenta anos, um tanto gorda e atochada, amável como todas as donas de casas de hóspedes” (BARRETO, 2010, p.110).

A senhora, que tivera muitos filhos, morava apenas com a mais nova Mlle. Irene, que procurava um noivo entre os residentes da pensão, e tinha preferência por estudantes, em especial “aqueles que estivessem nos últimos anos do curso, para que o noivado não se prolongasse e o noivo não deixasse de pagar a mensalidade à sua mãe” (BARRETO, 2010, p. 110). Mlle. Irene teve diversos relacionamentos frustrados, e por isso, cada vez mais, diminuía suas exigências. Seu primeiro noivado foi com um estudante de direito, depois com um de medicina, no entanto, após as frustrações, voltou-se ao funcionário público senhor Magalhães.

Irene caíra do seu ideal de doutor até aceitar um burocrata, sem saltos, suavemente; e consolava-se interiormente com essa degradação do seu sonho matrimonial, sentindo que o seu namorado era tão ilustrado como muitos doutores e tinha razoáveis vencimentos

Na mesa, quando a conversa se generalizava, ela via com orgulho Magalhães discutir gramática [...]E não era só nesse ponto que seu próximo noivo demonstrava ser forte, ele o era também em matemática, como provava questionando com um estudante da Politécnica.sobre geometria e com o doutorando Alves altercava sobre a eficácia da vacina dando a entender que conhecia alguma coisa de medicina (BARRETO, 2010, p. 110-111).

Os temas que envolviam as conversas dos moradores da pensão, eram questões que dialogavam com o contexto, como é o caso da eficácia das vacinas. Para tratar as epidemias que ceifavam os pobres, como dito anteriormente no capítulo, Oswaldo Cruz promoveu em 1904 um processo de vacinação em massa, no entanto, mesmo sem ser informada devidamente a população era ainda obrigada a se vacinar. A maneira como o processo foi feito culminou na Revolta da Vacina, uma popular insurreição contra a medida. Por mais que admirasse intelectualmente o noivo, Mlle. Irene o julgava muito baixo e desengonçado no jeito de se vestir e de se portar.

O cotidiano da pensão estava normal, até que “o tímpano elétrico anunciou estrepitosamente um visitante” (BARRETO, 2010, p. 111) e a negra Angélica foi abrir a porta.

Essa Angélica era o braço direito da patroa. Cozinheira, copeira, arrumadeira e lavadeira, exercia alternativamente cada um dos ofícios, quando não dois e

mais a um só tempo [...] Confidente da patroa e, tendo visto crianças todos os seus filhos, partilhando as alegrias e agruras da casa, recebendo por isso festas e palavras doces de todos, não se julgava bem uma criada, mas uma parenta pobre, a quem as mais ricas haviam recolhido e posto a coberto dos azares da vida inexorável. (BARRETO, 2010, p. 111).

O narrador descreveu a relação de Angélica com Mme. Barbosa, com a ironia típica de Lima Barreto, como é possível ver no trecho que diz que “Angélica fazia o serviço de uma e de outro; e sempre alegre, sempre agradecida à Mme. Barbosa, dona Sinhá, como ela chamava e gostava de chamar, não sei por que irreprimível manifestação de ternura e intimidade” (BARRETO, 2010, p. 111). Por mais que tivesse cerca de quarenta e tantos anos, o narrador descreve que Angélica guardava uma inocência. No trecho transcrito, a ironia está no fato de Angélica chamar Mme. Barbosa de Sinhá. O narrador quis evidenciar que Angélica na verdade era uma serviçal da família indevidamente remunerada, mas os laços afetivos criados fizeram com que ela sentisse apenas gratidão, sem querer nada em troca pelo trabalho prestado.

Angélica não ouviu o som da campainha e Mme. Barbosa foi atender, e quando abriu se deparou com dois estrangeiros, um homem e uma mulher.

Percebeu Mme. Barbosa que lidava com ingleses e, com essa descoberta, muito se alegrou porque, como todos nós, ela tinha também a imprecisa e parva admiração que os ingleses, com a sua arrogância e língua pouco compreendida, souberam nos inspirar. De resto, os ingleses têm fama de dispor de muito dinheiro e ganham duzentos, trezentos, quinhentos mil- réis por mês [...]

Mme. Barbosa alegrou-se, portanto, com a distinção social de tais hóspedes e com a perspectiva dos extraordinários lucros, que certamente lhe daria a riqueza deles (BARRETO, 2010, p. 112).

Mme. Barbosa lhes apresentou a pensão e os direcionou a um quarto de casal, no entanto, o homem afirmou que eles não eram casados, na verdade a moça era sua sobrinha. A proprietária da pensão indicou um outro quarto para a moça. Angélica, ao se deparar com os hóspedes “parou extática, como em face de uma visão radiante. À luz mortiça da claraboia empoeirada, ela viu, naqueles cabelos louros, naqueles olhos azuis, de um azul tão doce e imaterial, santos, gênios, alguma coisa de oratório, de igreja, da mitologia de suas crenças híbridas e ainda selvagens” (BARRETO, 2010, p. 113). O trecho apresentou o quanto a branquitude foi um ideal que se construiu também por meio das representações católicas. As “crenças híbridas” de Angélica podem fazer referência ao sincretismo que foi necessário para a sobrevivência ritualística e cultural das religiões de matrizes africanas.

Sérgio Buarque de Holanda (2015), em *Raízes do Brasil*, ao tratar do “homem cordial” mencionou como exemplo a relação do brasileiro com a religiosidade. A peculiaridade do brasileiro, neste caso, está no fato do fiel se colocar no contrafluxo das práticas características do desenvolvimento religioso moderno. Nessas últimas, observa-se uma relação racional em que existe um afastamento das crenças subjetivas. A cordialidade brasileira, expressa na religiosidade, se valeu não só do sincretismo, como de uma relação íntima com as imagens de santos e santas.

Comovida com a presença dos hóspedes, Mme. Barbosa se esqueceu de lhes cobrar um adiantamento. A felicidade que a senhora carregava era tão grande, que anunciou a todos sobre a presença dos hóspedes e reservou para eles o melhor lugar da sala de jantar. Os murmúrios gerados pela chegada dos estrangeiros movimentou a pensão de tal forma que um longo debate ocorreu entre os hóspedes. Beneventes, afirmou que “o que nós precisamos é de estrangeiros... que venham...” (BARRETO, 2010, p. 115), ademais indagou qualidades dos ingleses. Um diálogo entre Beneventes e Magalhães começou, o segundo rebateu a admiração do primeiro ante os ingleses: “-O doutor gosta dos ingleses; pois olhe: não simpatizo com eles... Um povo frio, egoísta.” (BARRETO, 2010, p. 115). Beneventes rebateu:

- [...] A Inglaterra está cheia de grandes estabelecimentos de caridade, de instrução, criados e mantidos pela iniciativa particular... Os ingleses não são esses egoístas que dizem. O que eles não são é esses sentimentais piegas que nós somos, choramingas e incapazes. São fortes e... (BARRETO, 2010, p. 115).

A admiração de Beneventes não é só em relação aos estrangeiros, mas ao liberalismo econômico. No entanto, major Melo, jacobinista, empregado público que ascendeu na república, interrompeu o discurso de Beneventes: “-Fortes! Uns ladrões! Uns usurpadores!” (BARRETO, 2010, p. 115). Beneventes era um bacharel que, segundo o narrador,

Usava e abusava desse fácil darwinismo de segunda mão; era o seu sistema favorito, com o qual se dava ares de erudição superior. A bem dizer, nunca lera Darwin e confundia o que o próprio sábio inglês chama de metáforas, com realidades, existências, verdades inconcussas. Do que a crítica tem oposto aos exageros dos discípulos de Darwin, dos seus amplificadores literários ou sociais, do que, enfim, se vem chamando as limitações do darwinismo, ele nada sabia, mas falava com a segurança de inovador de há quarenta anos passados e ênfase de bacharel recente, sem as hesitações e dúvidas do verdadeiro estudioso, como se tivesse entre as mãos a explicação cabal do mistério da vida e das sociedades. Essa segurança, certamente inferior, dava-lhe força e o impunha aos tolos e néscios; e só uma inteligência mais fina, mais apta a desmontar máquinas de embuste, seria capaz de fazer reservas discretas aos méritos de Benevente (BARRETO, 2010, p. 116).

Na pensão as opiniões do bacharel eram respeitadas, no entanto, durante o diálogo o florianista Melo o contrapôs. No início da república, quando os governos militares ainda não haviam se estabelecido, o país viveu um período de crises econômicas e motins populares que culminaram na renúncia de Deodoro. Novas eleições não ocorreram e Floriano Peixoto assumiu o poder. Os defensores de Floriano, jacobinos, garantiram a permanência do militar na presidência, eles eram nacionalistas extremistas e diziam defender a república da volta a monarquia. Major Melo estava contido nesse grupo, de tal maneira que “o nome de Floriano era para Melo uma espécie de amuleto patriótico, de égide da nacionalidade” (BARRETO, 2010, p. 116).

A oposição que major Melo fazia a Beneventes se dava, unicamente, por seu nacionalismo jacobino, o adversário usou a ciência para lhe contrapor. “A palavra altissonante de Ciência, pronunciada naquela sala mediocrementemente espiritual, ressoou com estrindências de clarim a anunciar vitória” (BARRETO, 2010, p. 116). Florentino, um velho juiz de direito que quase nunca emitia opiniões fez um discurso acalorado sobre a Inglaterra: “-Lá não há esse nosso desregramento, essa falta de respeito, essa impudicícia de costumes... Há moral...” (BARRETO, 2010, p. 117).

No período em que o conto foi escrito, o naturalismo vigorava no ideário das pessoas. Falava-se sobre a impossibilidade de constituição da pátria miscigenada. O cruzamento de raças estava atrelado a uma degeneração moral. O darwinismo presente na fala de Beneventes foi comum as elites intelectuais do período. Para manter a hierarquia social no pós escravismo, as teses racialistas funcionaram como uma maneira de categorizar as pessoas. Beneventes e Florentino representaram esse imaginário no conto, enaltecendo a moralidade estrangeira ante o Brasil miscigenado.

Os ingleses só apareceram na sala de refeições no segundo dia de hospedagem. “Miss Edith, como se soube mais tarde chamar-se a moça inglesa, e o tio comiam calados, lendo cada um para o seu lado, desinteressados de toda a sala” (BARRETO, 2010, p. 118). A indiferença que o ambiente gerava nos ingleses criou um aspecto místico para os demais hóspedes, que sentiam a emoção que Angélica experimentou na presença deles. “Os hóspedes acharam neles não sei o que de superior, de superterrestre; deslumbraram-se e acharam-se de um respeito religioso diante daquelas banalíssimas criaturas” (BARRETO, 2010, p. 118). Miss Edith inspirava essa imagem de dignidade, se vestia de maneira formal e não tinha “a fealdade habitual dos ingleses” (BARRETO, 2010, p. 118).

Com o passar dos dias a estima dos estrangeiros só cresceu na pensão, eles alcançaram um posto de figura mítica aos olhos dos companheiros de estalagem. Angélica toda manhã levava chocolate para Miss Edith em seu quarto e em uma dessas manhãs não encontrou a moça no quarto.

Angélica saiu do aposento da inglesa; e foi nesse instante que viu a santa sair do quarto do tio, em trajes de dormir. O espanto foi imenso, a sua ingenuidade dissipou-se e a verdade queimou-lhe os olhos. [...]

-Que pouca vergonha! Vá a gente fiar-se nesses estrangeiros... Eles são como nós... (BARRETO, 2010, p. 120).

Lima Barreto se valeu da sátira para criticar o ideal de uma suposta superioridade dos estrangeiros ante os brasileiros, sobretudo aqueles do norte da Europa. O desfecho do conto rebateu esse imaginário e em especial o darwinismo social que havia sido anunciado anteriormente. Angélica identificou uma característica que desmitifica a superioridade moral dos ingleses, até então tratados como deuses pelos hóspedes.

O autor desvendou em sua narrativa uma república que nasceu conformada com a desigualdade e as hierarquias próprias da monarquia. Ambos os contos representaram o imaginário da população acerca da viabilidade da pátria brasileira. Lola expressou sua superioridade com relação aos demais brasileiros, e o bacharel Beneventes se baseou no darwinismo social para julgar a inferioridade brasileira, justificada por sua população miscigenada. O entusiasmo com a nova conformação política foi desvelada por Lima Barreto, mostrando que na verdade nunca existiu um projeto de país que abarcasse a pluralidade do povo. As contradições de um país fundado no escravismo nunca foram pauta da sociedade que se pretendeu progressista, iluminada pelas luzes da *Belle Époque*.

4- Considerações finais

A literatura de Lima Barreto apontou uma série de questões que foram afloradas nos debates cotidianos. Celso Amorim (2008) reiterou o fato do autor ter apresentado em seus diários a vontade de desnudar a história da escravidão negra no Brasil, e como isso afetou a questão da nacionalidade. O autor não alcançou essa ambição com dados objetivos, mas sua literatura, que analisava o cotidiano pós escravista, mostrou uma série de questões que o regime escravocrata e o colonialismo perpetuaram na sociabilidade brasileira.

Considerando os problemas que enfrentamos atualmente no Brasil, recorrentemente me vem a ponderação que Raimundo Flamel fez em *A nova Califórnia* sobre o romance *Paulo e Virgínia* (1787). “Por vezes, vinha-lhe vontade de pensar qual a razão de ter Bernardin de Saint-Pierre gasto toda a sua ternura com Paulo e Virgínia e esquecer-se dos escravos que os cercavam...” (BARRETO, 2010, p. 64). Num contexto em que o ideal iluminista francês vem perdendo fôlego, me questiono, assim como fez Lima Barreto, sobre a viabilidade desses valores abarcarem toda a população brasileira.

No Brasil a universalidade dos direitos sempre foi negligenciada, tal fator criou uma brecha tão profunda que atualmente muitos discutem se os direitos conquistados pela humanidade são de fato necessários. Num país em que garantias básicas de sobrevivência são privilégios de alguns, mais cedo ou mais tarde tais problemáticas poderiam vir à tona.

Beatriz Resende (2016) reiterou que a missão de Lima Barreto foi a constituição da cidadania de todos. Por meio de sua antropologia do cotidiano o autor deu voz as figuras que a vida urbana massacrava. Lima Barreto pareceu antever questões que nos depararíamos hoje, como a necessidade de construirmos uma memória acerca das nossas atrocidades históricas. O autor procurou na vida das pessoas os fragmentos incidentes do passado não tão longínquo. Os fantasmas mal resolvidos desse passado nos assombram enquanto nação.

5- Referências bibliográficas

AMORIM, Celso. *Lima Barreto: ficção como denúncia*. Disponível em: Ensaaios Premiados: a obra de Lima Barreto. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2008.

BARBOSA, Francisco. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

BARRETO, Lima. *Contos Completos*. Org. Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, Lima. *Diário Íntimo (1903-1921)*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000066.pdf>. Acesso em 17/08/2019.

BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a Modernidade*. São Paulo: Autêntica, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CÂNDIDO, Antônio. *De cortiço à cortiço*. Revista de História. São Paulo, 1973. Nº 100.

CARRASCOZA, João. *O consumo e a distinção em um conto de Lima Barreto*. Revista E-compós. 2016. Brasília. Vol. 19 nº 1.

DÉCIO, João. *A forma conto e sua importância*. Revista Alfa. São Paulo. 1977. Vol. 22/23.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GOFFMAN, Eving. *As representações do eu na vida cotidiana*. 10ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

LUKÁCS, György. *Kafka ou Thomas Mann?* IN: Sobre o Realismo. Brasília: 1969, Coordenada – Editora de Brasília.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo. 2001. Companhia das Letras.

MÜLLER, Andréa. *Imprensa e leitura de romances no Brasil oitocentista*. Revista Gavagai. Rio Grande do Sul. Vol. 1 nº 1.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo. 1993. Companhia das Letras.

OLIVER, Élide. *Ácida? Amarga? O gosto da sátira em Lima Barreto*. Disponível em: Ensaio Premiado: A obra de Lima Barreto. Brasília. 2008. Ministério das Relações Exteriores.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. São Paulo. 2016. Editora Autêntica.

SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Rio de Janeiro. 2005. Revista Mana. Vol. 11 nº 2 .

SCHWARCZ, Lília. *Lima Barreto Triste Visionário*. São Paulo. 2017. Companhia das Letras.